

Repetição e risco (*)

CARLOS AMARAL DIAS (**)

Em primeiro lugar gostaria de dizer o quanto me encontro agradecido de estar aqui hoje presente e de me terem desafiado para fazer uma comunicação mais geral sobre o problema dos acidentes rodoviários e os comportamentos de risco a eles inerentes, questão que me tem vindo a ocupar (em conjunto com o Prof. Rui Aragão Oliveira e o Dr. Mário Horta), ou seja tentar compreender o que se passa com aqueles que têm comportamentos “criminosos” na estrada, sejam alcoólicos ou outros, e de perceber de que forma, podemos contribuir para criar, uma prevenção deste tipo de comportamentos.

A minha proposta não é eventualmente discutir o problema mais geral da psicologia do tráfego, ou todos os aspectos inerentes a comportamentos que se encontram presentes na acidentologia ligada a comportamentos do tráfego; mas, tentar circunscrever a minha comunicação à volta da própria experiência de discutir em supervisão estes grupos, e simultaneamente tentar encontrar para aqueles um enquadramento conceptual mais geral.

Para a reflexão que iria fazer hoje lembrei-me de uma frase de Shopenhawer, pessimista e nota-

velmente dura. Shopenhawer dizia «a morte é a finalidade da vida»; não dizia que a morte é o fim da vida e sim que a morte é a finalidade da vida. Tal ideia, que é uma ideia que respira um pessimismo enorme, no entanto não pode deixar de aparecer-nos na cabeça, quando por exemplo, encontramos as estatísticas que diariamente nos assaltam sobre o número de mortos nas estradas, o número de pessoas que tem comportamentos auto-destrutivos, ou parasuicidários. Obviamente que alguns pela sua natureza directa e clara mostram de uma forma obvia até que ponto e, de que maneira, a pessoa em questão estava mesmo destinada ou auto-proposta para pôr fim aos seus dias. Noutros, tal fenómeno encontra-se obviamente mais disfarçado, e portanto não se torna óbvio para nós que esse comportamento tenha directa ou indirectamente um impulso destrutivo.

A prevenção tem por si, ou contém por si dois grandes problemas. Um deles é obviamente evitar através do processo educativo que as pessoas tenham comportamentos de risco, e outra questão que está ligada à prevenção, e que me interessa particularmente, é aquela de que eu irei falar hoje, que é como prevenir a repetição. A prevenção da repetição é, por exemplo, a questão central ou a questão fundamental que justifica a existência dos grupos de reabilitação na Prevenção Rodoviária Portuguesa orientados por um conjunto neste momento bastante impressionante de psicólogos formados na área da psicologia do tráfego. Ou seja, não interessa tão somente que a Prevenção Rodoviária Portuguesa, embora esse seja um aspecto

(*) Comunicação apresentada nas II Jornadas de Psicologia do Tráfego da Prevenção Rodoviária Portuguesa – “Investigação e Intervenção na Realidade Portuguesa”, ISPA, 17 e 18 de Outubro de 2003.

(**) Psicanalista. Universidade de Lisboa.

absolutamente fundamental, e sobre a qual não sou eu com certeza a melhor pessoa para falar, apenas e tão só prevenir um comportamento de tal forma que ele não se dê, mas interessa conseguir que esse comportamento não se repita. Portanto, a prevenção nesse ponto de vista liga-se ao problema social da existência humana, da experiência quotidiana que é o problema da repetição de comportamentos. Seremos nós capazes de prevenir uma repetição?

Sendo assim, a questão que se põe à volta do problema do trabalho dos grupos de reabilitação, (grupos de pessoas que se encontram, de alguma maneira expostos durante algum tempo ao trabalho que visa diminuir a probabilidade da repetição do comportamento de risco) é sabermos em primeiro lugar explicar o que é uma repetição. É mais: tentar perceber o que é que conduz o sujeito humano à repetição, ou seja, o que é que o leva depois de um comportamento, que claramente o pôs numa situação de perigo, que pôs em perigo ou em risco outras pessoas que andam à sua volta, o que é que leva alguém dizia, a repetir um comportamento e aparentemente não aprender nada com uma experiência frequentemente elevadamente penosa.

Esta questão, é uma questão que interessou os psicanalistas de uma forma geral, e Freud de uma forma muito particular sobretudo a partir de um texto essencial que escreveu em 1920 chamado “Para além do princípio do prazer”. Reparem que é um título forte: “Para além do princípio do prazer”, ou seja, tinha a ver com uma questão que se levantava à própria obra de Freud e ao seu pensamento. Até essa época Freud pensava, e pensava naturalmente baseado na sua própria prática, na sua experiência clínica, que os comportamentos humanos podiam ser vistos numa óptica da relação princípio do prazer-desprazer. Os comportamentos teriam como base essencial a procura do prazer, prazer não no sentido, mais hedonista do termo mas à procura de comportamentos que libertassem o excesso de carga ligada a uma tensão emocional. Associada, por exemplo a uma descarga dos instintos e por aí fora. De um modo geral compunham aquilo que podia designar de uma forma simples a fase vitalista do pensamento de Freud. Mas em 1920 Freud, faz uma volta no seu pensamento e passa, de um ponto de vista em que o predomínio dos conflitos se centrariam sobre as primeiras tensões centradas na realiza-

ção ou não realização dos nossos desejos sexuais conscientes ou inconscientes, não importa, para um outro em que, acima de tudo a questão passa a ser outra, a saber que muitos comportamentos humanos se inscrevem para além deste princípio.

Por isso o livro se chama “Para além do princípio do prazer” e Freud dá-nos um conjunto impressionante de exemplos tirados na prática quotidiana, que são substantivos à reflexão sobre o problema destas pessoas e como este comportamento se liga a duas coisas. Uma, a que Freud designa de pulsão de morte ou instinto de morte, e outra ainda que é o problema do constrangimento da repetição, posto que a palavra alemã *wiederholungszwang* é traduzida habitualmente como “compulsão a repetir”, mas de facto a tradução mais correcta seria o “constrangimento a repetir”, ou seja, sermos constrangidos ou obrigados à repetição.

Freud dá-nos um conjunto de exemplos que terei que brevemente lembrar, só por uma questão de situar quanto mais não seja pedagogicamente, tudo aquilo que estamos a dizer. Em primeiro lugar o problema das chamadas neuroses de guerra, que era uma questão que tinha começado a emergir claramente depois da guerra de 1914-1918, durante a qual apareceram um conjunto muito impressionante de pessoas que tinham os chamados sonhos da guerra, ou seja que durante a noite os sonhos deles repetiam ou reproduziam de uma forma dramática, os acidentes que tinham tido, os acontecimentos de guerra que lhes tinham acontecido. Portanto, Freud perguntava-se, e com razão, o que é que levava estas pessoas a terem durante o sono, não um “comportamento”, ligado a um princípio ou um binómio, de prazer – desprazer mas à repetição dos acontecimento traumático, ou seja, o que é que levava estas pessoas a repetirem um acontecimento traumático, ainda que sob a forma de sonho, e às vezes sobre a forma de comportamentos automáticos, como por exemplo, ouvir algum barulho e meter-se por baixo da mesa.

Perguntava isto a propósito das neuroses de guerra, e perguntava a propósito ainda, de outro tipo de comportamentos que são também do banal, do senso comum, como por exemplo o que designou as neuroses de destino. Neuroses de destino podiam-se caricaturar: aquela senhora que por três enviúva, por três vezes da mesma maneira: ela casa com um senhor que, se vem a des-

cobrir a curto prazo tem um carcinoma, morre. Parece que esta pessoa é perseguida por um destino. Ou seja, há como que um constrangimento, digamos uma repetição de algo que Freud chamou pulsão de morte.

A ideia da pulsão de morte para Freud, no entanto, é preciso dizê-lo, não é uma ideia simples; simples no sentido de que parece que se trata de uma oposição entre pulsões de vida e pulsões de morte ou sistemas conflitivos, ligados à auto-destrutividade versus sistemas não conflitivos. Mas não se trata de nada disso: a questão essencial é outra: uma recuperação dos textos que Freud foi escrevendo sobre esta matéria, sobre esta questão, revelaram qualquer coisa que se pode mais ou menos circunscrever a uma ideia que André Green desenvolveu recentemente. Há aqui um pequeno problema, de genealogia histórica, pois penso que fui quem primeiro o sugeriu num livro “O negativo ou o retorno a Freud”.

A ideia central, quer para Green ou nós mesmos é que pulsão de morte para Freud é o amortecimento, a procura do amortecimento da dor, ou seja, amortecimento da questão traumática; em última análise a pulsão de morte seria, dentro do aparelho psíquico, a procura do estádio anterior a toda a experiência penosa de forma, a conseguir iludir a própria experiência penosa. Se quiserem, a ideia básica não deixa de estar ligada a algo de que todos temos conhecimento, da filosofia de Buda. Ideia verdadeiramente arrepiante: Quando por exemplo Buda nos discursos de Benares afirma que comer dá dor porque o apetite de comer provoca, sofrimento; amar dá dor porque a separação do amado dói, o que é que teremos que fazer, sob a égide do o discurso essencial de Buda, é erradicar em vida todas as experiências, que sejam potencialmente penosas, e também por razão óbvia que, sejam potencialmente prazenteiras, de maneira a evitarmos a dor subsequente. Portanto o discurso contém, uma “defesa” da pulsão de morte. Isso não é evidentemente o tema desta conferência: o sucesso do modelo do budismo resulta de ser um modelo (único) de registo filosófico. O budismo ateu propõem-nos a vida como preparação para a morte, em que a experiência da vida é balizada e meta balizada pela experiência de morte.

Então o que ligará uma ideia de apagamento da experiência penosa à repetição de uma experiência penosa? Parece que são duas experiências

de carácter antagónico. Ora o trabalho de Freud, a sua genialidade foi mostrar que essa paradoxalidade é apenas aparente. Porquê? Ele próprio o esclarece a propósito dos sonhos da neurose de guerra: «os sonhos das neuroses traumáticas de guerra tentam dominar a excitação posterior desenvolvendo a angústia cuja ausência foi precisamente a origem da neurose traumática.» Ou seja, o que Freud afirma, entre esta frase e outras na obra “Para além do princípio do prazer”, é que aquilo que leva à repetição é que a angústia é em primeiro lugar uma resposta ao perigo. É por isso que a angústia “normal” é uma “angústia sinal”. Ou seja, antecipação que fazemos no microcosmos da mente do macrocosmos da realidade, das coisas mais simples às coisas mais complexas. A chamada “angústia sinal” antecipa, portanto um acontecimento eventualmente angustiante. Freud diz-nos uma coisa absolutamente fantástica: é que justamente porque não se desenvolve no momento traumático a quantidade de angústia necessária para responder à situação, que se repete a questão traumática. Ou seja, a repetição da experiência, diz Freud e cito «é nem mais nem menos que a procura da produção de angústia necessária a elaboração psicológica do acontecimento de forma a mobilizar o Eu para defesas mais adaptativas face à questão». Ou seja, a repetição do acontecimento fica ligado não ao problema de aprendizagem, do erro (“errei porque...”), mas à questão de conexão que se deve estabelecer entre o acontecimento traumático que desencadeia a angústia e a não angústia correspondente que deveria existir face ao acontecimento, e é precisamente essa angústia não correspondente que leva à repetição pelo que o processo passa a ter, digamos, uma visão completamente outra. Nesta não se trata de iludir a questão traumática, mas sim de criar ou recriar condições para que a angústia ligada ao acontecimento possa agora ser retomada de uma outra forma, de uma outra maneira, de modo a poder modificar a relação entre os mecanismos de defesa do Ego e as energias circulantes que tornam o Ego mais flexível à angústia que se encontra reprimida, não resolvida, não elaborada, não pensada, a propósito do acontecimento.

Freud aliás vai mais longe, depois em 1926 num texto famoso chamado “Inibição, sintoma e angústia” e mostra como duas questões que são absolutamente centrais para o psiquismo humano

– o recalçamento e o constrangimento à repetição –, se ligam. Ou seja todos os acontecimentos que são reprimidos no consciente e que passam a fazer parte do que ele chama Id inconsciente (o Id é uma parte do aparelho psíquico que por um lado tem o repositório das pulsões e depois todos os acontecimentos são reprimidos e que fazem parte de nós mas, mas aos quais nós não temos acessibilidade à lembrança ou ao repositório), que todos os caminhos do recalçamento, portanto, se organizam e se filiam da linha do automatismo de repetição ou do constrangimento à repetição. Porquê? Justamente, é esta mesma repetição que não provoca, paradoxalmente, a angústia necessária ao pensamento sobre o problema, o que reforça o recalçamento e o recalçamento reforça, digamos assim, o caminho da repetição.

A frase de Freud, exactamente, é que «todo o não movimento da pulsão vai seguir o seu caminho sob a influência dum automatismo, ou se preferirmos, sob a influência do constrangimento da repetição». Assim, o factor de fixação do recalçamento é o constrangimento da própria repetição. Que só pode ser afastado, diz Freud, «grças a um livre funcionamento do Eu».

Uma questão fica agora óbvia. A repetição é o problema central dos comportamentos de risco. A repetição liga-se a uma angústia que fica por elaborar e é isso que leva à repetição. Fica uma questão, como resolver este “círculo vicioso”? Ou seja como é que vamos retomar o problema da repetição para o trabalho dos grupos de reabilitação da PRP e como vamos repensar esta questão à volta dos grupos de trabalho, e que muito melhor do que eu, o Rui Aragão e o Mário Horta têm procurado sistematizar.

Em termos da experiência prática tenho-me limitado a escutar, tentar encontrar algumas questões teóricas e técnicas que ajudem depois como *modus operandi*. Pegar na repetição e retomar todo o trabalho do grupo. Como sabem os trabalhos de grupo de reabilitação são com pessoas que têm comportamentos de risco. São depois feitos em trabalhos de dinâmica de psicoterapia de grupo embora com um ajustamento temporal. São feitos naturalmente em dois Sábados, têm 12 horas grosso modo de trabalho. O que é que se passa? O que se passa é que temos que criar, e penso que é isso que se tem feito, uma relação entre a repetição que é o mesmo e a procura da criação do idêntico. Ou seja, a experiência do

grupo tem que ao mesmo tempo premiar o mesmo, que é o que se passou, para que a quantidade de angústia se liberte, mas esse mesmo ser meta-colocado no idêntico.

Numa pesquisa etimológica, verifiquei que a definição do mesmo e do idêntico, do ponto de vista do dicionário, deixaria alguns problemas porque, parece que o mesmo conteria já o valor de uma identidade aproximativa da ordem da semelhança, ou seja, a ideia do mesmo é já, digamos, uma ordem aproximativa à ideia de semelhança. Enquanto que o idêntico, trata de objectos semelhantes, seria super relativo do semelhante. Mas eu acho que na área do senso comum quando digo “fiz o mesmo”, “o que é que tu comeste ontem?”, comi o mesmo de anteontem, fiz batatas com bacalhau”, ou seja, não é o idêntico, o idêntico é por exemplo, comi bacalhau à Gomes de Sá, ou comi bacalhau à Brás, é idêntico mas não é o mesmo, ambos têm bacalhau, ambos têm batatas, lá está é o senso comum, o mesmo e o idêntico não são com certeza a mesma coisa. O dicionário deu-me, confesso, algum problema, mas tem ideia de que o mesmo é uma identidade aproximativa da ordem da semelhança, mas lá está o senso comum, finalmente o idêntico é o super relativo da semelhança. Portanto, sendo assim, suponho que a finalidade técnica essencial destes grupos é poder aglutinar os protótipos inconscientes que não tiveram, o contacto com a angústia necessária à produção de um pensamento sobre o comportamento de risco. E este só pode ser afastado grças a um livre funcionamento do Eu. Ou seja, recriar uma energia que circule mais livremente, permitir uma recuperação energética de maneira que esta angústia em vez de ser repetida porque não entendida, agora entendida possa ser re-transformada e energizada de outra forma, investida em outro tipo de comportamentos. Trata-se finalmente, para retomar a questão que Freud toma em “Para além do princípio do Prazer”, de evitar que o infractor se transforme no portador do nosso destino, evitar que estas pessoas não transformem a sua relação com o comportamento de tráfico e seus comportamentos se transformem numa neurose de destino.

Este problema não é um problema menor, porque sabemos da experiência de quem trabalha no trabalho na Psicologia do tráfico, que há um número significativo de pessoas que produzem um número elevadamente significativo de acidentes.

Ou seja que a compulsão a repetir os acidentes faz delas claramente à volta da acidentologia uma autêntica neurose do destino. Lembro os trabalhos que tive o privilégio de discutir com o Manuel de Matos¹, sobre o problema dos acidentes rodoviários, que através de medições feitas com escalas de ansiedade e de depressão e risco suicidário, se observava que jovens condutores com dois ou mais acidentes de motorizada registavam um significativo aumento na escala de risco suicidário, e vejam, com baixo nível de ansiedade. Verificamos ainda agora que é a repetição que está ligada aos níveis de ansiedade baixos.

Podemos então dizer que o nosso trabalho é a prevenção da emergência de uma neurose de destino. O destino não é inteiramente uma finalidade, nem uma origem, porque no sentido ocidental português “é o destino, é o fado...”. Somente numa neurose do destino é que a repetição, não se cessando de manifestar, faz da origem uma finalidade, então chamamos a isto destino. Ou seja, somente nestes casos é que existe uma transformação paradoxal de origem e finalidade e, aquilo que nos aparece como destino é apenas somente uma questão de transformação da origem do comportamento traumático.

Ora então, do meu ponto de vista a resolução desta questão só se pode fazer pela criação do idêntico que viabilize o não-idêntico, ou seja não se trata de viabilizar o idêntico mas o não-idêntico. Utilizar a própria estrutura da repetição como processo de diferenciação do idêntico para outro tipo de comportamentos.

De algum modo é isto que se faz nos grupos de reabilitação e a minha contribuição tem sido no sentido de dar um “*corpus*” teórico a esta questão. Quando vemos o que fazemos: em primeiro lugar, é a utilização de uma fotolinguagem. Fotolinguagem, que é feita a partir de recortes de revistas onde aparecem por exemplo símbolos de potência, de poder, etc., que podem estar ligadas,

por exemplo, a equivalentes inconscientes de excessos de angústia ligados à própria natureza do comportamento de risco, as fantasias do onipotência, de poder, etc. A partir da fotolinguagem, da escolha de uma imagem, exercício que é feito num primeiro tempo dos grupos, cria-se como que uma capacidade compreensiva ou percepção daquilo que se passa com cada uma daquelas pessoas que ali estão e que dizem imenso sobre elas a partir desse exercício. Depois numa segunda parte dá-se evidentemente, também, uma dimensão social, educativa, dos aspectos rodoviários inerentes mas depois trabalha-se o próprio grupo a partir da emergência das histórias individuais de cada um, que nos são contadas, e da emergência das expressões emocionais, vivenciais que são também retomadas, seja pela história porque cada um está ali, seja pela própria fotolinguagem. Então, o que é que se faz num terceiro tempo? O que se faz é para todos os efeitos a criação do idêntico, ou seja, criam-se espaços terapêuticos em que o grupo é exposto através de um mecanismo que designamos de realizações simbólicas, em que aparentemente o que se faz está distante do ponto de vista cénico ou dramático, daquilo que realmente está subjacente ao acontecimento traumático, mas ao mesmo tempo produz o idêntico.

Tem sido curioso verificar que esta técnica tem efeitos, tem resultados. Nas discussões científicas com o Mário Horta e o Rui Aragão e com todos os amigos que fizeram a gentileza de pedir para eu supervisionar este trabalho, verifica-se uma diminuição da incidência do constrangimento da repetição. Não se verifica, nem se espera que se consiga que todas as pessoas que procuram estes grupos, deixem ou abandonem estes comportamentos. De facto, do ponto de vista estatístico, do ponto de vista da probabilidade estatística, a evidência da utilização desta técnica tem conseguido uma diminuição de reincidência. Quer dizer de facto, no grupo, ao provocar um acontecimento que se repete não numa área do mesmo, mas numa área do idêntico, se consegue libertar a angústia que estava reprimida e trabalhá-lo num plano mais elaborado, num plano mental, conseguindo diminuir claramente a repetição do comportamento.

Penso que isso é um aspecto importante do ponto de vista terapêutico, do ponto de vista do *modus operandi* daquilo que se faz. É revelador, da efi-

¹ Manuel Pires Matos – “Factores de Risco Psicológico em Jovens Condutores de Motorizada e sua Influência Relativa na Ocorrência de Acidentes”. Dissertação de Doutoramento em Psicologia Clínica, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa, 1991.

cácia de uma prática. É revelador também, provavelmente da relevância de uma teoria. Fazemos o melhor mas sem ilusão. Muitas pessoas ficarão isentas a este tipo de trabalho mas como em todo o projecto terapêutico, a área da falha também existe. Mas de facto estamos satisfeitos com os resultados que temos obtido, mas sabendo sempre, também, que o que estamos a tratar é de uma violência psicológica, próprio à natureza humana, o lugar “a força da repetição”.

Acho que um dia Sade disse uma frase: «prova-me a inércia, que eu conceder-te-ei o Criador.» Ou seja, aqueles que de facto estão próximos dessa inércia da passividade seriam incapazes de modificar o seu destino e transformar a sua vida. Entregam-se ao “pior” dos criadores, aquele que existe antes e depois da Vida, o nada primordial que está antes e depois de nós que está ligado à ideia da própria Morte. É justamente entre estas duas coordenadas que terminarei. Não quero provar aos pacientes a inércia, não lhes concederei portanto o Criador.

RESUMO

Este artigo, baseado numa comunicação oral num congresso científico sobre comportamentos de risco na condução e sua reabilitação, o autor aborda problemáticas fundamentais psicanalíticas da compulsão à repetição inerente à exposição gratuita ao risco, procurando balizar estratégias e técnicas possíveis no trabalho clínico de reabilitação de condutores.

Palavras-chave: Risco, compulsão à repetição, reabilitação de condutores.

ABSTRACT

This paper is based in a lecture from a seminar about risk behaviours, traffic and rehabilitation. The author discussed psychoanalytic points of view about repetition and risk. He tries to organise methodology and clinical issues about traffic offender rehabilitation programs.

Key words: Risk, repetition, drivers rehabilitation.